

Apresentação

*Procuro signos, mas de quê? Qual é o objeto da minha leitura? Será: sou amado (já não o sou, sou-o ainda)? Será o meu futuro que tento ler, decifrando no que está escrito o aviso do que me vai suceder, segundo um processo que teria a ver, simultaneamente, com a paleografia e com a mântica? Não sucede antes, feitas as contas, ficar eu suspenso com esta pergunta, cuja resposta, infatigavelmente, procuro no rosto do outro: **o que valho eu?***

Roland Barthes, *Fragmentos de um discurso amoroso*

Entre os famosos *Fragmentos de um discurso amoroso* (1977), de Roland Barthes, e o aparecimento da teoria e dos estudos *queer*, os estudos de literatura transformaram-se radicalmente. A publicação de *Fragmentos* marca definitivamente o fim da vaga estruturalista e sepulta o poder detido pela crítica ao longo de pelo menos dois séculos de existência. Ao reconhecer a ação crítica como um ato de leitura, Barthes conferiu a quem lê o poder que críticos acreditavam possuir – não há método, não há ciência que descreva o amor imenso do(a) leitor(a) pelo texto, pela literatura. Além de falar de amor, Barthes tratava do amor à Literatura, por isso a sua pergunta e, por isso, as mutações que os estudos de literatura sofreram nas décadas seguintes. Mutações profundas que aproximaram os estudiosos da produção de leitura, da(s) forma(s) que fazem uma obra ser lida ou não, num tempo e num espaço determinados, que fazem uma obra deslizar no tempo e no espaço, fecundar outras obras e ser por outras fecundada. O amador-leitor – ou a amadora-leitora! – vale, então, pela leitura que produz.

Barthes, que morreu em 1980, não viu a revolução acadêmica, do qual foi um dos geradores, que abalou as formas tradicionais de se fazer crítica. Barthes não viu o reconhecimento da autoridade de um sujeito que fala de si mesmo. Barthes não viu os estudos de género, não viu os estudos gay e lésbicos e, muito menos, a teoria *queer* abalarem as estruturas burguesas da universidade e, porque não dizer, da própria linguagem. Mas tinha consciência de como fazer isso, daí a fragmentação como procedimento – especialmente, em *Roland Barthes por Roland Barthes* (1975) ou em *Fragmentos de um discurso amoroso* (1977), obras nas quais o mestre ao se fragmentar, fragmentando o discurso, deixou claro que se sempre fala de si, mesmo quando se fala do outro. Ou seja, Barthes, de alguma forma e como fazem os grandes escritores, previu o que aconteceria quando a teoria *queer* e seus estudos passaram não a examinar objetos *queer*, mas a *queerizarem* objetos não *queer* – ou melhor, quando compreendemos que o olhar, a leitura, o ato de interpretar garantiram a emergência da alteridade e, portanto, colocaram em xeque identidades estáveis, objetos estáveis, sujeitos estáveis, discursos estáveis.

O número 39 dos *Cadernos de Literatura Comparada* divide-se em três partes: a primeira, um dossier composto por quinze artigos, debruça-se sobre género, feminismos e sexualidades e os seus cruzamentos com a literatura. A segunda parte, a secção *Vária*, é composta por três ensaios diversos que, não se centrando nas sexualidades, se ocupam, porém, de temas comparatistas. Finalmente, a última parte, composta por oito resenhas elaboradas por investigadores do projeto *Alimentopia / Utopian Foodways*, alguns deles membros do Instituto de Literatura Comparada, expande preocupações afetas à investigação desenvolvida pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Lousa e pelo seu projeto aglutinador “Literatura e Fronteiras do Conhecimento: Políticas de Inclusão”. Esta última secção reúne, assim, oito relatórios de leitura de monografias e antologias de textos que dão conta do cruzamento dos Estudos sobre a Alimentação com os Estudos sobre a Utopia, inflectindo também nas questões de género.

Os ensaios da primeira parte, a principal e a que dá título a este número dos *Cadernos de Literatura Comparada* (“Intersexualidades em questão”), lançam-nos em direção a três possibilidades de interpretação do tema.

A primeira possibilidade pode ser de viés declarativo/afirmativo, se pensarmos como é fundamental, em tempos de recrudescimento dos avanços políticos e ideológicos em escala mundial e, em particular, em contextos brasileiro e europeu, afirmarmos os lugares discursivos e transitivos das sexualidades, subjetividades e das políticas estéticas – e não só – que as envolvem. Essa primeira possibilidade gráfico-interpretativa estaria proposta por artigos que, neste número, visam sedimentar campos discursivos e científicos, como os estudos sobre as mulheres e a “literatura feminina”, bem como pelo próprio espaço afirmativo ocupado neste número pelas recensões que nos apresentam, por exemplo, os *food studies*, as relações entre género e classes sociais, as parentalidades/relações familiares e o turismo, temas inusitados ou tradicionais mas que se fazem *interfaces* dos estudos de literatura e da crítica literária.

Numa segunda interpretação, agora em versão interrogativa – “Intersexualidades em questão?” –, poderíamos pensar com os artigos e ensaios que propõem, entre outros aspectos, repensar o *queer*, seja a partir de um olhar que o redimensione em relação à sua antecipação como procedimento pós-identitário, seja na sua reivindicação como operador crítico ou como “modo de ler” o cânone, brasileiro ou português, e a própria crítica, como discurso que confere autoridade. Seguindo os passos insurgentes aqui propostos, as releituras do cânone parecem questionar as estabilidades conferidas a certos textos canónicos/canonizados, bem como visam perscrutar o campo teórico em busca de respostas possíveis.

A contraface às propostas de leitura anteriores redundaria da introdução da temática “intersexualidades” dentro das diversas demandas que compõem os estudos de Literatura Comparada contemporâneos na medida em que as sexualidades, os usos do erótico e os estudos sobre os corpos se tornaram – nos últimos 30 anos – um grande campo de embate em que todos e quaisquer discursos sedimentados, inclusive os que sustentam o comparatismo, parecem ser continuamente questionados na sua capacidade de, fazendo falar a subalternidade, produzir discursos que apontam para outras e novas hegemonias.

Os textos heterogêneos aqui reunidos apresentam-se, assim, não como um conjunto disperso de reflexões, mas como um conjunto orgânico, na medida em que os percebemos

como resposta a uma demanda contemporânea: o direito ao discurso – direito fundamental do humano. Dizer e dizer-se converteram-se em meios essenciais, num mundo já tão profundamente diverso ao de Barthes, para subjetivação frente à concorrência infinita de discursos interconectados, sobrepostos e opostos. E a questão permanece em aberto: perante o rosto do outro, o que valho eu? Melhor dizendo: o que valem nós?

Emerson da Cruz Inácio, Univ. São Paulo

Mário Lugarinho, Univ. São Paulo

Maximiliano Torres, Univ. Estadual Rio de Janeiro

Ana Luísa Amaral, Univ. Porto

Marinela Freitas, Univ. Porto